

TRABALHO

Salários reais dos portugueses crescem abaixo da produtividade

Ganho médio real dos trabalhadores subiu 10,6% e produtividade 18,7%, conclui estudo

CÁTIA MATEUS

O ganho médio real dos trabalhadores em Portugal tem crescido abaixo da produtividade. É o que conclui um estudo do Laboratório Colaborativo para o Trabalho, Emprego e Proteção Social (CoLabor) que analisa a correlação entre os salários e a produtividade nacional de 2013 a 2022. Segundo o relatório, no período considerado, o ganho médio real dos trabalhadores portugueses sofreu um incremento de 10,6%, enquanto a produtividade real aumentou 18,7%, mais 8,1 pontos percentuais (p.p.).

A produtividade aparente do trabalho média anual em Portugal representava, em 2021, cerca de metade do valor registado no conjunto dos países da União Europeia (€29,2 mil para €60,2 mil), aponta o estudo, da autoria de Frederico Cantante, investigador do CoLabor e professor do ISCTE-IUL. No que diz respeito à relação entre salários e produtividade, “constata-se que, desde 2013, o ganho médio real dos trabalhadores evoluiu abaixo da produtividade média real, com exceção do verificado em 2020, ano em que a pandemia de covid-19 teve impactos económicos mais pronunciados”, sublinha o documento, que realça ainda que “o período posterior à Grande Recessão [pós-crise de 2008] foi sobretudo marcado por um desajustamento entre a evolução dos salários e da produtividade”.

Contudo, diz o estudo, a evolução destes dois indicadores regista nuances sectoriais distintas. O hiato entre o crescimento da produtividade e dos salários “é particularmente agudo” no sector do alojamento, restauração e similares, onde, no período de análise considerado, o ganho médio real dos trabalhadores subiu 19,4%, enquanto a produtividade aumentou 54,7%, um hiato de 35,3 p.p.

Outros sectores, como as atividades imobiliárias, agricultura e comércio, registam um movimento semelhante. No primeiro caso, o aumento da produtividade superou em 34,8 p.p. o dos salários. Na agricultura e no comércio, essa diferença



Sectores com produtividade mais baixa respondem pela maior criação de emprego FOTO JOSÉ CARLOS CARVALHO

Empresários têm argumentado que é impossível ir mais além nos incrementos salariais sem aumentar a produtividade nacional

foi de 25,2 p.p. e de 24,1 p.p., respetivamente.

Genericamente, em território nacional, verificou-se um aumento real dos salários e da produtividade real nos vários sectores de atividade, no período de tempo analisado por Frederico Cantante. Mas há exceções. Em sectores como a eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio, tanto a produtividade como o ganho real recuam (56,2% e 7,5%, respetivamente).

Situação idêntica verifica-se no sector dos transportes e armazenagem, onde a produtividade recua 1,6% e o ganho salarial médio aumenta 9,1%, e também nas atividades de in-

formação e comunicação, que regista um recuo de 9,1% na produtividade e um aumento de 7,9% no ganho médio.

Emprego cresceu em sectores menos produtivos

O estudo divulgado esta semana pelo CoLabor permite, a partir da interceção dos indicadores da produtividade e do ganho médio, identificar vários perfis sectoriais. O autor destaca dois, “pelo peso que assumem no emprego”: “As atividades económicas que se caracterizam por registarem, simultaneamente, valores baixos para o ganho médio e para a produtividade média; e as atividades económicas em que o ganho médio bruto mensal é um pouco superior ao do perfil anterior, mas ainda assim inferior à média nacional (€1368 em 2022), e cujos níveis de produtividade estão em linha ou acima da média nacional”.

No primeiro caso estão englobadas atividades como a construção, as atividades do sector primário e um conjunto de ati-

vidades do sector terciário, em particular o alojamento, restauração e similares, as atividades administrativas e dos serviços de apoio, as atividades de saúde humana e apoio social e outras atividades de serviços. No seu conjunto, estes sectores representam 37,5% do pessoal ao serviço remunerado nas empresas.

Já no segundo caso inclui-se o comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos automóveis e motocicletas, indústrias transformadoras, atividades imobiliárias e captação, tratamento e distribuição de água, saneamento, gestão de resíduos e despoluição. No seu conjunto, estes sectores representam 43,8% do pessoal ao serviço remunerado nas empresas, aponta o estudo.

Nesta investigação, Frederico Cantante cruza ainda as variáveis da produtividade e criação de emprego, concluindo que foram as atividades com menor índice de produtividade as que mais contribuíram para a criação líquida de emprego no período de análise considerado.

Segundo o autor, sectores como o alojamento, restauração e similares, as atividades administrativas e dos serviços de apoio, bem como a construção representam, juntos, 35% da criação líquida de emprego verificada.

Em sentido inverso, sectores onde a produtividade ficou acima da média nacional deram um menor contributo para a criação líquida de emprego verificada no país entre 2013 e 2022. É o caso das atividades de informação e de comunicação, que, aponta o estudo, “têm uma produtividade bastante acima da média nacional e contribuíram em cerca de 9% para o emprego líquido criado”. Recorde-se que a discussão em torno da correlação entre produtividade e salários é particularmente relevante numa altura em que a pressão para reforço dos rendimentos dos trabalhadores marca a agenda mediática, com as empresas a argumentar que não é possível subir salários sem antes fazer crescer a produtividade nacional.

cmateus@expresso.imprensa.pt